

submandibular, cervical, retroauricular e inguinal bilateralmente, além de lesões papulares acastanhadas em face e tronco. Foram realizadas tomografias de pescoço, tórax e abdômen, que evidenciaram linfonodomegalia generalizada, sendo feita uma biópsia excisional de linfonodo inguinal com linfadenite granulomatosa e PAS/mucicarmin positivo nas estruturas fúngicas, favorecendo o diagnóstico de criptococose. O líquido não apresentou alterações bioquímicas e a tinta da China e culturas foram negativas. A ressonância de encéfalo evidenciou múltiplas lesões com centro necrótico e realce anelar no tecido subcutâneo da transição crânio cervical posterior e em ambas as parótidas. O teste para HIV resultou não reagente. O paciente foi tratado com fluconazol por 12 meses, com resolução total do quadro.

Conclusão: A infecção pelo criptococo em indivíduo imunocompetente é incomum e, quando ocorre, o pulmão e o SNC são os órgãos mais acometidos. Este relato de caso demonstra uma forma atípica da criptococose em imunocompetente, desafiando as concepções convencionais sobre esta doença. Não encontramos outros relatos semelhantes na literatura médica, sendo assim, torna-se importante conhecer esta manifestação da infecção para um diagnóstico rápido e tratamento oportuno, melhorando assim, o prognóstico do paciente.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104249>

ÁREA: ARBOVIROSES

EP-346 - ESTUDO ECOLÓGICO: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE ZIKA VÍRUS NA REGIÃO NORTE DO BRASIL NO PERÍODO DE 2016 A 2023

Luiz Carlos Santos Borges,
Pedro Henrique Silveira de Souza,
Fernando Ériton Aguiar Moita,
Emanuel Gustavo Sabino de Freitas,
Higor Braga Cartaxo

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas,
TO, Brasil

Introdução: O Zika Vírus (ZIKV) surgiu como uma preocupação global de saúde pública nas últimas décadas, despertando a atenção devido à sua associação com complicações neurológicas graves, especialmente em gestantes e recém-nascidos. Originário de áreas tropicais da África e da Ásia, o vírus expandiu sua distribuição geográfica rapidamente, alcançando o continente americano no final da primeira década dos anos 2000.

Objetivo: Analisar a distribuição temporal e geográfica dos casos reportados ao Sistema Único de Saúde (SUS) na região norte do Brasil ao longo do período de 2016 a 2023.

Método: Este estudo utiliza uma abordagem ecológica longitudinal observacional para analisar dados do SINAN, obtidos por meio da ferramenta TABNET do DATASUS. Os dados, provenientes dos registros do SIH/SUS, abrangem o período de 2016 a 2023 na região norte do Brasil, com ênfase em variáveis como faixa etária, raça, sexo e unidade federal de

notificação. A análise dos dados foi realizada utilizando recursos do Pacote Microsoft 365, incluindo Excel e Word, para organização e apresentação em tabelas.

Resultados: Entre 2016 e 2023, na região norte do Brasil, foram registrados 56.840 casos de Zika Vírus, com uma incidência notável entre os 20 e 39 anos. A distribuição por faixa etária revelou 2.094 casos em menores de um ano, 2.725 entre 1 e 4 anos, 3.340 entre 5 e 9 anos, 3.799 entre 10 e 14 anos, 5.376 entre 15 e 19 anos, 24.829 entre 20 e 39 anos, 11.492 entre 40 e 59 anos, e 1.862 em indivíduos com 60 anos ou mais. A maioria dos casos ocorreu em indivíduos pardos (39.449 casos, 69,4%) e houve uma prevalência maior entre o sexo feminino, com 36.673 casos (64,5%). Em termos anuais, 2016 teve o maior número de casos (23.786 registros), enquanto 2020 teve o menor pico (1.893 casos), possivelmente devido à redução nas notificações causadas pela pandemia de COVID-19. Tocantins apresentou a maior prevalência, com 22.677 casos, seguidos por Pará (11.324), Amazonas (8.661), Roraima (5.146), Acre (4.894), Rondônia (2.361) e Amapá (1.777).

Conclusão: Durante o período analisado, registrou-se uma média anual de 7105 notificações na região norte, evidenciando um padrão de crescimento e declínio variável. A maioria dessas ocorrências está associada à residência no estado de Tocantins, à faixa etária entre 20 e 39 anos, à raça parda e ao sexo feminino, delineando assim um perfil das pessoas suscetíveis ao vírus Zika nessa localidade.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104250>

EP-347 - HEPATITE GRAVE POR DENGUE EM PESSOA VIVENDO COM HIV: UM RELATO DE CASO.

Layanne Barbosa Paz,
Paula Luna de Oliveira Lei,
Adriane Gomes de Souza Silva,
Gabryela Barreto Couto, Raissa Pinto Nunes,
Amanda Garcês Furtado, Marta Iglis de Oliveira

Hospital das Clínicas, Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

Introdução: A coinfeção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e dengue representa uma situação clínica complexa, com potencial impacto na gravidade e na evolução da doença. Pessoas vivendo com HIV podem estar sujeitas a uma maior suscetibilidade a infecções virais, além de complicações adicionais devido à imunossupressão.

Objetivo: Relatos de casos de dengue em pessoas vivendo com HIV são escassos na literatura médica, especialmente quando evoluem com complicações hepáticas graves. Este relato busca revisar brevemente a relação entre a infecção pelo HIV, dengue e doença hepática, ressaltando a importância do diagnóstico precoce e manejo adequado nesses casos.

Método: A coinfeção HIV/dengue tem sido cada vez mais reconhecida como uma preocupação clínica significativa, especialmente em regiões endêmicas para ambas as doenças. Embora a dengue geralmente seja uma doença autolimitada, pode resultar em complicações graves, como hepatite, em

pacientes com condições subjacentes, como o HIV. A imunossupressão associada ao HIV pode comprometer a resposta imune do hospedeiro à infecção por dengue, aumentando a suscetibilidade a complicações.

Resultados: Paciente do sexo masculino, 47 anos, vivendo com HIV há 16 anos, em tratamento antirretroviral regular, apresentando carga viral não detectada, iniciou um quadro clínico caracterizado por febre, astenia, mialgia, artralgia, náuseas, vômitos, cefaleia e inapetência. Após três dias, evoluiu com dor abdominal intensa, levando-o a procurar atendimento de urgência. Durante a avaliação, foi observada elevação das transaminases (TGP: 2419, 4683 e 6506; TGO: 971, 2768, 6678), sugerindo possível lesão hepática associada à arbovirose. Foi orientado a manter hidratação domiciliar e retornar para acompanhamento laboratorial. Dois dias após, o paciente apresentou piora do quadro (TGP 6678; BT 6,8), com agravamento da dor abdominal, inapetência, febre, colúria e icterícia, sendo recomendado internamento hospitalar. Após onze dias internado, o paciente evoluiu com melhora do quadro clínico e alta hospitalar.

Conclusão: Esse relato de caso destaca a importância da vigilância ativa e do manejo precoce da dengue em pessoas vivendo com HIV, especialmente quando há sinais de comprometimento hepático. A abordagem integrada, envolvendo diferentes especialidades médicas é essencial para garantir um desfecho clínico satisfatório e prevenir complicações graves em casos semelhantes.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104251>

EP-348 - PERFIL CLÍNICO E EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE DENGUE ATENDIDOS NO CENTRO DE SAÚDE DA COMUNIDADE UNICAMP - CECOM

Rôse Clélia Grion Trevisane,
Edite Kazue Taninaga,
Inajara de Cássia Guerreiro, Hamilton Bertan,
Mayara de Freitas Pereira,
Leila Tássia Pagamicce,
Maria Helena Postal Pavan,
Victor Leal de Almeida

*Centro de Saúde da Comunidade (CECOM),
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Campinas, SP, Brasil*

Introdução: A dengue é uma arbovirose transmitida pela fêmea do mosquito *Aedes Aegypti* infectada pelo vírus, possui quatro diferentes sorotipos (DENV-1, DENV-2, DENV-3, DENV-4). É uma doença infecciosa febril aguda, que pode apresentar desde sintomas leves até formas mais graves. Considerada uma doença tropical negligenciada, é um dos principais problemas de saúde pública no Brasil, com quase quatro milhões de casos notificados e quase duas mil mortes nos primeiros meses de 2024.

Objetivo: Descrever as características clínicas, epidemiológicas e laboratoriais dos casos de dengue notificados em um serviço de saúde de uma Universidade Pública no Interior do Estado de São Paulo.

Método: Trata-se de um estudo descritivo exploratório com dados extraídos de planilha Excel do Núcleo de Vigilância Epidemiológica do serviço, no período de 31/12/2023 a 20/04/2024.

Resultados: Dentre os 663 casos analisados, 71,64% foram encerrados como positivo, sendo 360 (54,28%) por critério clínico-epidemiológico e 115 (17,34%) por critério laboratorial, 188 casos (28,35%) foram descartados. Dentre os 475 casos positivos, 96 foram confirmados pelo teste DUO - NS1/IgM/IgG realizados em nosso serviço, dos quais 14 casos (14,58%) apresentaram NS1 e IgM reagentes, 66 (68,75%) NS1 reagente e 16 (16,67%) IgM reagente. O marcador sorológico IgG foi encontrado isoladamente em 38 testes (39,58%). Dentre os casos confirmados para dengue, 244 (51,36%) era do sexo feminino; a faixa etária com maior ocorrência de casos foi dos 20 a 29 anos (48,84%); com relação ao vínculo com a universidade, 305 eram alunos (64,21%), 153 funcionários (32,21%) e 17 externos (3,57%). Os sintomas prevalentes foram cefaleia (90,9%), mialgia (88,2%) e febre (86,3%). A análise dos exames laboratoriais mostrou que 54,10% dos pacientes apresentaram leucopenia e 40,84%, plaquetopenia; 23 (4,84%) apresentaram sinais de alarme e sete foram encaminhados para internação. Todos os casos positivos evoluíram para cura.

Conclusão: Os dados mostram um aumento de 920,83% dos casos de dengue quando comparado ao ano anterior. As manifestações mais predominantes foram cefaléia, mialgia e febre, sendo mais prevalente em adultos jovens, evidenciando o público mais atendido no serviço e destacando a faixa etária mais atingida pela doença desde a introdução do vírus no Brasil.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104252>

EP-349 - A EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE CASOS DE DENGUE NOTIFICADOS, DA FORMA CLÁSSICA À FORMA GRAVE DA DOENÇA: UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANOS DE 2018 A 2024

Nicoli Lindissey Zuim,
Ana Lívia Neto Pereira Alves,
Fabrício de Mira Vieira,
Giovanna do Nascimento,
Thalita Raiane Ferreira,
Pedro Henrique Negrão Carrasco,
Dhyovana Filippini Salina,
Clara Molinari Ferraresi Lopes,
Anna Beatriz Popi e Souza,
Bárbara Orsi Jacyntho

*Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Campus
Bauru, Bauru, SP, Brasil*

Introdução: A dengue é uma doença febril aguda capaz de se manifestar sob um amplo espectro clínico, desde um quadro leve e autolimitado a quadros graves e complicados, como a febre hemorrágica fatal. O aumento vertiginoso no número de casos novos ao longo dos anos torna a dengue um problema de saúde pública recorrente e paulatinamente mais preocupante no país.